

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

economia - Brasil

O doutor Saracura

• O diabo não é sábio por ser diabo, mas por ser velho, dizem. Dizem ainda que o diabo, depois de velho, vira ermitão. Prega no deserto. Não foi bem no deserto que o deputado Delfim Netto pregou quarta-feira em Brasília, mas no suntuoso prédio que a Asbace-ATP comprou da IBM, cercado por carpas coloridas e recheado de um milionário equipamento de informática, usado para prestar serviços a mais de 100 bancos.

Delfim, que comandou a economia brasileira em tempos de bonança, com um crescimento de mais de 8% ao ano, e em tempos de borrasca, no Governo Figueiredo, quando o país entrou numa recessão parecida com a atual, tem olhos de lince para ver as falhas da gestão dos nossos sábios, que, no Ministério da Fazenda e no Banco Central, conseguiram acabar com uma série secular de crescimento a 4,6% ao ano.

— O Brasil foi por 100 anos o país que mais cresceu no mundo. Hoje, segundo Delfim, o maior obstáculo para o nosso desenvolvimento é encontrar ministros e economistas brasileiros. Os bons alunos das universidades vão fazer pós-graduação nas grandes universidades americanas e viram americanos. Passam a ter dificuldades para manobrar com o Brasil. Conhecem Chicago, Houston e São Francisco, mas não conhecem Londrina, Ribeirão Preto e Uberlândia. O que acontece na agricultura é significativo. Diz ele que a agricultura brasileira está estagnada. Cresce pouquíssimo, ano a ano. O crédito rotativo para a agricultura, que era de R\$ 20 bilhões por ano, é hoje de R\$ 7 bilhões. O produto agrícola total é de US\$ 80 bilhões. Só os Estados Unidos dão US\$ 80 bilhões de subsídios à sua cadeia agrícola. A Europa dá US\$ 300 bilhões. Aqui, os economistas oficiais acham que subvencionar a cadeia agrícola é pecado e que subvenção é palavrão.

Delfim põe em dúvida os números tão apregoados pelos economistas oficiais sobre o investimento estrangeiro. Diz que no passado havia uma relação muito mais positiva entre a poupança investida e os investimentos produtivos. Investimento era o empresário comprar um terreno, fazer a terraplanagem, construir uma fábrica, equipá-la e começar a produzir. Hoje, o que acontece é uma mera transferência de propriedade. O investidor estrangeiro chega com um pacote de dólares e compra empresas que já existem, que dão lucros. Os lucros viram dólares que são mandados para o exterior, pressionando o balanço de pagamentos.

Duvida também das estatísticas sobre a ocupação da capacidade instalada das fábricas brasileiras. Pergunta como pode a capacidade produtiva aumentar tanto em dois anos, ao ponto de a capacidade instalada estar no limite da ocupação. Isto é invenção de economista, diz. Deveriam adotar o postulado de Brainer: "Quando não se sa-

be o que se está fazendo, o melhor é não fazer nada". O Greenspan, neste ponto, é muito mais esperto. Se não tivesse seguido a receita, teria abortado o ciclo de 101 meses de crescimento contínuo da economia americana. O problema americano, responsável pelo aumento dos juros lá, é o déficit de US\$ 300 bilhões na balança comercial.

Essa história de que é o mercado que faz a taxa de juros é uma balela, diz Delfim Netto. E acrescenta:

— Eu sempre controlei os juros sem produzir dívida nem recessão. Estendia, por exemplo, o prazo de recolhimento do IPI para 180 dias, deixando o dinheiro na mão dos empresários para que tivessem capital de giro. Hoje, o imposto é recolhido antes mesmo das vendas. O programa de estabilização da moeda foi brilhante. Mas os seus efeitos se esgotaram. Os salários foram congelados em URVs. Levaram os truques longe demais. Quando se reduzem as tarifas, deve-se desvalorizar o câmbio. Aqui, valorizaram, financiando o déficit de US\$ 29 bilhões com juros. Havia uma crise na Ásia, metiam o juros a 45% ao ano. Um buraco na camada de ozônio, 45%. Caía a fertilidade dos rinocerontes na África, tome juros de 45% de novo.

Como sair da entaladela? Diz Delfim Netto:

— Eu não sou religioso. Dizia que exportar é a solução. Esses rapazes, que são fundamentalistas, dizem que exportar é a salvação. Se não crescermos, não conseguiremos exportar mais e se não aumentarmos as exportações não há como pagar o estoque da dívida que, aliás, ninguém sabe por que deve ficar em menos de 50% do PIB. Este é um número mágico, que consta do relatório do FMI. Como o relatório saiu em inglês, ninguém leu. Para exportar é preciso crescer, no mínimo, a 4% ao ano e, para isso, precisam trazer os juros a um patamar de 8% para o Governo.

Delfim acha que os economistas oficiais são neocolonizados e não acreditam no Brasil. São vítimas da ideologia do pessimismo. Em 1984, o Brasil exportava uma vez e meia mais que a China. Hoje, a China exporta quatro vezes mais que o Brasil.

Na verdade, Delfim olha os gestores da economia como Gregório de Matos, o Boca do Inferno, olhava um médico baiano do século XVII:

"Quando o dr. Saracura/
Aplica a sua sabença/
Quem não morrer da doença/
Morre de certo da cura."